**Resistindo a discursos conservadores e ataques às artes: que a educação musical semeie um futuro melhor**

Patricia Kawaguchi[[1]](#footnote-2)

**Resumo**

O ensino de Artes nas escolas sempre foi relegado a uma posição subalterna dentro das sociedades capitalistas, que priorizam uma formação cada vez mais tecnicista para atender aos interesses do mercado de trabalho. Com a ascensão dos setores mais conservadores da sociedade ao governo, artistas e as Artes como um todo vêm sofrendo uma escalada de perseguições, ataques e censuras. Nesse cenário, houve o desmonte de políticas culturais, o Ministério da Cultura foi extinto, ao mesmo tempo em que foi construída e propagada uma ideologia de que artistas são pessoas degeneradas, contra a “moral e os bons costumes” e por isso seria necessário incentivar uma arte “nacional heroica”, como disse o ex-Secretário da Cultura, Roberto Alvim, em discurso assustadoramente repleto de apologia ao propagandista nazista Joseph Goebbels. Sua sucessora, Regina Duarte, apresentou uma postura negacionista, falando que as pessoas deveriam ter leveza e pararem de carregar mortos – referindo-se às vítimas da Covid e da ditadura militar. Na educação, sofremos com a perseguição a professoras e professores com o projeto Escola Sem Partido, a proposta de retirar a obrigatoriedade das aulas de Artes na reforma do Ensino Médio, a controversa elaboração da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) com forte influência de institutos empresariais e na qual a Música é citada de forma considerada incoerente pela ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical). Em mais um infeliz exemplo recente, o candidato a prefeito de São Paulo, Arthur do Val, disse que as escolas precisam ensinar a ganhar dinheiro e que “chega de aula de picho e break dance”, falando pejorativamente sobre as aulas de Arte. Este trabalho se propõe a fazer uma análise de como esses discursos conservadores que atacam as Artes e artistas ganharam espaço na mídia e no senso comum e por consequência influenciaram nos ataques à arte-educação e à educação musical. Aponta em seguida a importância das Artes e da educação enquanto resistência nestes tempos tóxicos que vivemos e sobrevivemos, para que possamos esperançar dias melhores.

**Palavras-chave**

Educação musical; Conservadorismo; Políticas públicas.

**Introdução**

Desde o golpe institucional de 2016, tivemos uma série de retrocessos nos direitos conquistados arduamente e em projetos de inclusão dos grupos sistematicamente oprimidos: pessoas negras, indígenas, com deficiência, LGBT. A condução desastrosa da pandemia de Covid-19 pelo governo resultou em um ano de 2021 com uma grave crise sanitária, econômica e social.

O governo de Jair Bolsonaro foi eleito justamente prometendo combater as políticas da esquerda, destacando uma suposta doutrinação ideológica nas escolas. Por diversas vezes o presidente e seus aliados políticos se manifestaram também contra um suposto esquerdismo nas artes, que estariam dominadas pelo “marxismo cultural”. Além de cortes em programas e no financiamento de agências de fomento, artistas e professoras/es vêm sofrendo perseguições e ataques por parte do governo e de seus apoiadores.

Fala-se muito em doutrinação ideológica da esquerda quando o próprio governo tem uma ideologia que se evidencia cada vez mais: precarização das condições de trabalho para que empresas lucrem mais com mão de obra barata sem direitos, precarização da educação para formar cidadãos que não questionem, exaltação de um suposto nacionalismo subalterno a países imperialistas, valorização da meritocracia em detrimento de políticas de inclusão e desprezo pelas reivindicações das minorias.

Neste trabalho serão apresentados alguns casos emblemáticos de perseguição e censura a manifestações artísticas, principalmente ligadas a grupos ou pautas LGBT. Em seguida é feita uma reflexão sobre como o senso comum é construído ideologicamente a partir de discursos veiculados pela mídia e/ou por figuras em posição de poder. Os ataques à educação são apresentados na sequência, mostrando também qual é a concepção que as classes dominantes têm do modelo educacional para servir aos seus propósitos: um modelo tecnicista, onde a Música e as Artes ocupam uma posição secundária. Por fim, buscamos refletir sobre a importância de traçar caminhos para construir a resistência na arte-educação, semeando um futuro melhor.

**Perseguições e ataques às Artes**

Diversos grupos sistematicamente oprimidos buscam as Artes como forma de se expressarem e de darem mais visibilidade às suas pautas. Desde 2016, essas manifestações artísticas vêm sendo cada vez mais atacadas por grupos que buscam o silenciamento das minorias com base em suas definições de moral e “bons costumes”. Vejamos alguns exemplos emblemáticos.

Em setembro de 2017 ocorreu o fechamento da exposição “Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, em Porto Alegre[[2]](#footnote-3). A exposição acontecia no centro cultural Farol Santander – que na época se chamava Santander Cultural –, mantido pelo banco de mesmo nome. Após enorme quantidade de críticas que repercutiram na Internet, o banco decidiu encerrar a exposição. As críticas afirmavam que as obras faziam apologia à zoofilia, pedofilia e blasfemavam contra os valores cristãos. Notemos que houve o envolvimento ativo do grupo MBL nesses ataques: "Isso que a gente chama de polêmica é o resultado de uma investida muito específica que começou com o MBL (Movimento Brasil Livre) e criou uma narrativa falsa para a exposição", disse o curador Gaudêncio Fidelis em reportagem à BBC News Brasil.

Bastava observar as obras para concluir que as acusações não eram verdade, sendo mais um caso de desinformação e *fake news*; como é muito mais fácil se revoltar e compartilhar do que buscar as informações, esse tipo de conteúdo se espalha rapidamente. Esse desfecho, para acalmar a ira de setores conservadores é “uma jogada de marketing de um banco interessado em não perder clientes e investidores. Ou seja, a iniciativa privada está disposta a atender apenas a parcelas da população que lhe convém comercialmente, sem sequer avaliar suas posturas ética e moral” (CARON; KAWAGUCHI CESAR, 2019, p. 7-8).

Um caso quase idêntico aconteceu também em 2017 com a performance de arte contemporânea “La Bête”, na qual o artista Wagner Schwartz propõe uma releitura da exposição de esculturas “Bichos” de Lygia Clark[[3]](#footnote-4). Na obra original, esculturas construídas a partir de chapas metálicas poderiam ser manuseadas pelo público com o objetivo de criar diferentes formas que se assemelhavam a "bichos". A releitura de Wagner consiste utilizar seu corpo como escultura, com o público podendo criar novas formas através do manuseio. A polêmica surgiu porque o artista fica completamente nu na performance. A foto de uma criança, acompanhada da mãe, tocando o braço do artista na exposição viralizou na Internet, causando comoção junto das já conhecidas acusações de pedofilia.

A peça de teatro “Evangelho segundo Jesus Cristo, rainha do Céu” foi censurada três vezes durante sua apresentação pelo país em 2018 com a justificativa de que nessa peça a figura de Jesus Cristo é desrespeitada[[4]](#footnote-5). Ou seja, trata-se de um caso de fundamentalismo religioso e LGBTfobia, pois a peça retrata Jesus como uma travesti – o que foi considerado falta de respeito. O ato é um monólogo que reflete sobre a intolerância da sociedade brasileira e as perseguições só provam o ponto levantado.

Por motivo semelhante, o filme de Natal da produtora Porta dos Fundos, “A primeira tentação de Jesus”, foi censurado a pedido da Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura[[5]](#footnote-6). A alegação de que o filme humorístico, que retrata Jesus como homossexual, fere a liberdade religiosa foi acatada pelo Supremo Tribunal Federal e a plataforma de *streaming* Netflix precisou retirá-lo de seu catálogo. Apenas em novembro de 2020 a censura foi suspensa pelo STF. Vale lembrar também que houve um ataque com coquetéis molotov à sede da produtora Porta dos Fundos, em represália ao filme.

Nesses exemplos podemos ver ataques direcionados principalmente contra pessoas ou a causa LGBT, mas as outras minorias também são perseguidas. Em julho de 2019 a mostra de arte indígena M’Bai, em Embu das Artes, foi vandalizada[[6]](#footnote-7), o que é apenas uma mostra da violência sistemática que os povos indígenas sofrem no cotidiano e que aumentou muito durante o atual governo.

A seguir veremos como os discursos divulgados pela mídia constroem um senso comum do que é arte e encorajam os perpetradores desses ataques.

**Os discursos na mídia hegemônica e a construção do senso comum**

O que a mídia repercute contribui muito para a formação do senso comum, pois é majoritariamente um discurso que interessa aos interesses da classe dominante. “A ascensão do conservadorismo, da intolerância e do ódio às diferenças e a quem busca promover a igualdade tem, sim, a ver com a mídia e a indústria cultural. A construção do senso comum tem a ver com o tipo de produtos culturais que são consumidos” (KAWAGUCHI, 2020, p. 121). Esses instrumentos servem para propagar os mitos da ideologia dominante: da meritocracia, do empreendedorismo, do individualismo que responsabiliza apenas o próprio indivíduo pelos seus sucessos ou fracassos. Como diz Paulo Freire acerca desses mitos:

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixá-lo e procurar outro emprego. O mito de que esta “ordem” respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. (…) O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem está falando” é ainda uma pergunta dos nossos dias (FREIRE, 1987, p. 137).

No que se refere às artes e à cultura, há um padrão determinado do que seria uma arte “de verdade”, digna e moral. Em geral é a arte europeia ou com valores ultranacionalistas que se opõe às manifestações artísticas periféricas e/ou afrobrasileiras. Por exemplo, a jornalista Bárbara Gancia escreveu uma coluna – com o lamentável e pejorativo título “Cultura de Bacilos[[7]](#footnote-8)” – discordando do investimento do então ministro da Cultura em 2013, Gilberto Gil, em projetos de hip hop, rap e grafite, que ela não considera que sejam de fato cultura. O julgamento de formas de artes periféricas é escondido sob uma aparência de falso moralismo: a jornalista escreveu indignada que o hip hop é um “lixo musical que, entre outros atributos, é sexista, faz apologia à violência e dói no ouvido”, questionando também “A que ponto chegamos? Desde quando hip-hop, rap e funk são cultura?”.

O rapper brasiliense GOG respondeu com precisão a jornalista: “Acho que a Bárbara Ganso… Gancia [risos] representa o que pensa a classe dela. A elite brasileira nos vê dessa forma e não adianta […] o hip hop jamais vai agradar a essa elite” (RAP BRASIL n. 3, 2008 apud CAMARGOS, 2015, p. 58). De acordo com o autor, o rap também sofreu muitas críticas por ser uma música feita sem instrumentos, sem conhecimento musical, que poderia ser feita até no fundo do quintal (CAMARGOS, 2015, p. 60). Ele afirma também que as críticas e as respostas

são sinais da luta que é travada no campo da produção simbólica entre os setores dominantes (ou da classe dominante) e os populares, principalmente no momento em que estes viveram uma fase emergente na busca de espaços para uma inserção social diferente da anterior, além de recursos que proporcionariam a continuidade de suas práticas, a melhoria nas condições de produção cultural e a participação na divisão das riquezas da sociedade (CAMARGOS, 2015, p. 59).

Em 2020 o candidato à prefeitura de São Paulo, Arthur do Val, também conhecido pela sua atuação junto ao MBL com o canal “Mamãe Falei”, disse em debate que se for eleito as crianças vão ter “educação” nas escolas e não “aulas de picho e *break dance[[8]](#footnote-9)*”. É evidente que ele “deprecia as Artes na escola – sendo que o *break dance* é considerado também uma modalidade esportiva (...) –, mostrando nitidamente seu desprezo pelas manifestações artísticas populares ao colocá-las de maneira absurda em oposição direta à sua ideia do que seria ‘educação’” (KAWAGUCHI, 2020, p. 90). Como diz o sociólogo Bourdieu:

De fato, nossos gostos nos exprimem ou nos traem mais do que os nossos julgamentos políticos, por exemplo. E provavelmente nada é mais duro de sofrer do que os “maus” gostos dos outros. A intolerância estética tem violências terríveis. Os gostos são inseparáveis dos desgostos, a aversão aos estilos de vida diferentes é, sem dúvida, uma das mais fortes barreiras entre as classes. É por isso que se diz que gosto e cor não se discute. Pense no alvoroço provocado pela mínima transformação da rotina ordinária das estações de rádio ditas culturais (BOURDIEU, 2019, p. 150).

Em relação aos discursos institucionais, no começo de 2020, o secretário de cultura – uma vez que o governo Bolsonaro extinguiu o Ministério da Cultura – Roberto Alvim gravou um vídeo com referências ao ministro de propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels[[9]](#footnote-10). Além de uma estética peculiar, com um retrato do presidente acima de si, exatamente como Goebbels, e da trilha sonora de Richard Wagner, compositor exaltado durante o regime nazista, o discurso foi repleto de sentimentos nacionalistas. O vídeo termina com uma frase quase idêntica a uma usada por Goebbels: "A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes de nosso povo, ou então não será nada". A frase original seria “A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada". Alvim disse que se tratava de mera coincidência, mas após muita pressão foi afastado do cargo.

As homenagens e referências não se tratam de mera coincidência. O termo “marxismo cultural”, tão propagado por ideólogos do governo, como Olavo de Carvalho, tem origem no livro de Hitler. De acordo com Iná Camargo Costa, o livro Mein Kampf (Minha Luta) é uma declaração de guerra ao marxismo e à sua expressão cultural, sendo que “o marxismo aparece associado ao judaísmo e ambos constituem as duas maiores ameaças ao povo alemão (…) e os judeus respondem por 90% da produção cultural na Alemanha. A doutrina marxista, por isso mesmo, é uma doença” (COSTA, 2020, p. 17). Em tempos recentes, a expressão “marxismo cultural” começou a ser usada em 1990 por “cristãos fundamentalistas, ultraconservadores, supremacistas (…). Os objetos mais imediatos de sua fúria conservadora são o feminismo, a ação afirmativa, a liberação sexual, a igualdade racial, o multiculturalismo, os direitos LGBTQ e o ambientalismo” (COSTA, 2020, p. 37-38).

A sucessora na Secretaria Especial de Cultura, Regina Duarte, embora menos controversa protagonizou um triste episódio em que, ao ser entrevistada e questionada sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil, que além de dizimar o povo brasileiro estava sendo responsável pela morte de artistas famosos – seus colegas! –, tentou amenizar a situação[[10]](#footnote-11). Falou que as pessoas deveriam ter leveza, parar de ressuscitar e carregar mortos, referindo-se também às vítimas da ditadura militar, e, por fim, recusou-se a ouvir as perguntas do entrevistador. Isso ilustra outra faceta do governo, que é o negacionismo, a recusa em debater.

O atual secretário de cultura, Mário Frias, tem uma atuação com diversas provocações a esquerdistas e segue na valorização de uma arte nacionalista, com o edital para celebrar os 200 anos da Independência, por exemplo[[11]](#footnote-12). Enquanto isso, a cultura segue sendo sucateada, com um depósito da Cinemateca Brasileira pegando fogo devido a falta de infraestrutura e verba para a sua conservação.

Essa normalização dos discursos só é possível porque além de deter os meios de produção dos produtor materiais, a classe dominante detêm também os meios de produção das ideologias:

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. (...) Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época (MARX; ENGELS, 2007, p. 47).

Desse modo, é necessário um esforço para desconstruir os preconceitos e a ideologia das classes dominantes, que são propagados pela mídia e pelos discursos de pessoas em posição de poder. As artes e a educação possuem um potencial privilegiado para confrontar e questionar as normas da sociedade.

**A música e as artes no modelo tecnicista de ensino: desvalorização e ataques à educação**

Os ataques à cultura e à educação não estão de forma alguma descolados. Da mesma forma como as artes são acusadas de um suposto marxismo cultural, a educação também é acusada de doutrinação ideológica, principalmente em relação às questões de gênero – pejorativamente chamadas de “ideologia de gênero” e deturpadas em seus propósitos – e aos ensinamentos do nosso patrono da educação, Paulo Freire, que é culpado por um suposto fracasso da educação brasileira – em relação a quais parâmetros?

Uma das maiores ameaças à liberdade de ensinar foi – e continua sendo – o projeto Escola Sem Partido, cujos apoiadores

professam uma escola que não ensine, que não discuta e que não reflita sobre os problemas filosóficos e científicos. ‘Ideologização’ virou uma palavra mágica para justificar tudo o que há de ruim nas escolas. De quebra, serve para justificar o corte nas verbas para a educação pública, sob o pretexto de que os baixos índices alcançados pelas escolas nos rankings seriam fruto de uma suposta degradação ideológica do ambiente escolar (LINARES, BEZERRA; 2019; p. 129).

Paulo Freire propôs uma pedagogia com o propósito de ser libertadora para as pessoas oprimidas e por isso foi perseguido tanto em vida quanto depois, até os dias atuais. A base fundamental de sua pedagogia é não apenas transmitir o conteúdo, mas colocar estudantes em um papel de protagonismo no ensino-aprendizagem: “Ensinar não é transmitir conhecimento. Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido do, ou concomitante ao, ato de apreender o conteúdo ou o objeto cognoscível, com que o educando se torna produtor também do conhecimento” (FREIRE, 1997, p. 118). É o contrário da visão bancária da educação, na qual “o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância” (FREIRE, 1987, p. 58). Ou seja, precisamente “esta é a razão por que a concepção problematizadora da educação não pode servir ao opressor. Nenhuma ‘ordem’ opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: ‘Por quê?’” (FREIRE, 1987, p. 75).

Sérgio Haddad afirma que os ataques que o educador sofrem não têm nenhuma comprovação “Paulo Freire nunca foi comunista, é pouco lido nas universidades brasileiras, nunca pregou uma educação partidária nas escolas e a crítica à qualidade literária dos seus livros não se sustenta” (HADDAD, 2019, p. 145).

Institucionalmente, pensando nas políticas educacionais, tivemos nos últimos anos a Reforma do Ensino Médio e uma mudança no rumo da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que havia começado a ser discutida em 2015. Com a Reforma, supostamente estudantes terão autonomia para escolher itinerários formativos, sendo estes: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Formação Técnica Profissional. São obrigatórios apenas os conteúdos de Linguagens e Matemática, que historicamente são os conteúdos priorizados pelo modelo de ensino no país. É importante destacar que não há nenhuma garantia de que as escolas oferecerão todos os itinerários; pelo contrário, o artigo 36 diz que serão oferecidos “conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino” (Presidência da República, 2017 apud SANTOS, 2019).

Na proposta inicial da Reforma do Ensino Médio, o conteúdo de Arte estava totalmente ausente do texto e somente foi recolocado após manifestações e pressão popular. Santos aponta que a última versão da BNCC do Ensino Médio é amplamente baseada nessa Reforma, que “há a invisibilidade das questões de gênero e diversidade sexual e ênfase no ensino religioso (frutos de pressões das bancadas parlamentares conservadoras e fundamentalistas)” (SANTOS, 2019, p. 60).

No texto da BNCC em si, a música é citada poucas vezes, de uma forma considerada incoerente pela Abem (Associação Brasileira de Educação Musical), por considerar que a música é um mero subcomponente do componente curricular Arte e por focar unicamente nos aspectos estéticos, deixando de lado as dimensões sociais, culturais e políticas do fazer musical (ABEM, 2018 apud SANTOS, 2019).

A construção curricular não pode se preocupar apenas com o “quê?”, mas o “por quê?” e o “para quê?” também devem ser questionamentos quando se trata de construção de saberes. Tomando as palavras de Tomaz Tadeu da Silva (1999), currículo é lugar, é espaço, território, relação de poder, trajetórias e discurso. Currículo é documento de identidade! (SANTOS, 2019, p. 67)

Nesse modelo de formação que valoriza cada vez mais competências voltadas para uma futura vida profissional, como conhecimentos de informática e inglês e “pelo fato de que a arte é considerada supérflua e destinada a poucos, na escola também assume posição secundária e indireta, ocupando lugar muitas vezes apenas como relaxamento ou pretexto para outras disciplinas e afazeres pedagógicos” (SUBTIL, 2016, p. 217). Porém devemos lembrar que “a escola não pode ser somente preparação para o futuro, para a vida adulta, para a rudeza do princípio de realidade. Propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia” (SNYDERS, 2008, p. 18). A ideia da escola como um lugar enfadonho, triste e sem perspectivas de melhora também é em si uma ideologia que serve para desestimular estudantes das classes oprimidas. “É impossível ignorar que o discurso antiescolar faz parte da batalha política geral (...). Os jovens já hesitantes quanto às suas possibilidades e à sua carreira serão mais facilmente persuadidos a interromper os estudos” (SNYDERS, 1993, p. 18).

Nesse contexto,

podemos perceber, em maior ou menor grau, que eles atendem às demandas específicas da educação escolar frente aos imperativos econômicos e políticos da sociedade capitalista. De ponto de vista estritamente didático, a arte cumpre papel de disciplinarização, relaxamento, treinamento psicomotor e expressão individual, como matéria escolar que na maioria das vezes está a serviço de finalidades alheias à formação estética e à experiência artística significativa (SUBTIL, 2016, p. 219).

Apesar de todos os retrocessos, professoras e professores precisam buscar uma educação inclusiva em sua prática cotidiana, que se preocupe em formar estudantes que questionam e não apenas recebam o conhecimento pronto, que trabalhe com as discussões de inclusão de gênero, étnico-racial, de pessoas com deficiência. É só a partir dessa resistência que conseguimos barrar alguns retrocessos e conquistar melhorias. A crise que vivemos no momento torna tudo mais difícil e parece que não há nenhuma luz no horizonte, mas ela vai passar. O que não podemos é esperar passivamente que ela passe para retomar nossas lutas, por exemplo a luta pela valorização das artes e da liberdade de ensinar e se expressar artisticamente. Lembrando que

não é possível defender a arte-educação ignorando os constantes ataques feitos pelas atuais gestões do governo e seus aliados políticos; os discursos conservadores na verdade nos dão a oportunidade de agir como oposição de maneira mais assertiva, para não apenas defender e reivindicar a garantia de nossos direitos mas também lutar por uma sociedade mais inclusiva e que não dê espaço para discursos de ódio (CARON; KAWAGUCHI CESAR, 2019, p. 14).

As artes e a cultura são tão atacadas porque os conservadores conhecem e temem o potencial que têm para questionar as estruturas, expressar e dar voz para grupos oprimidos. A arte-educação deve permitir o contato com as múltiplas manifestações artísticas, sem preconceitos e sem hierarquização das artes, possibilitando também discussões e reflexões.

**Considerações finais**

Desde o golpe institucional de 2016 e a ascensão da extrema-direita ao poder, sofremos inúmeros retrocessos. As artes e a educação são duas das áreas mais atacadas, destacando as pautas dos grupos minoritários como as pautas LGBT, com justificativas embasadas por valores conservadores de moral e bons costumes e a suposta defesa de um modelo específico de família, que esquerdistas supostamente almejam destruir.

Essa ideologia, que interessa as classes dominantes pois sufoca e silencia as vozes dissonantes, é reproduzida pela mídia hegemônica e vai, dessa forma, fomentando o senso comum acerca do que é arte, de quais são as formas de cultura legítima. Ao mesmo tempo, abre-se um espaço para que as artes contestadoras sejam perseguidas e censuradas. Os discursos do governo legitimam essas perseguições.

Foram apresentados alguns exemplos recentes mostrando a violência com manifestações artísticas, discursos e comentários depreciativos. Em seguida, abordou-se os ataques a Paulo Freire, responsável pela concepção libertadora da educação e considerado inimigo dos conservadores. A educação libertadora se opõe totalmente ao modelo tecnicista de educação que se volta para os interesses do mercado de trabalho e que, por isso mesmo, relega as artes e a música a uma posição subalterna, como mero lazer. A pedagogia freireana busca formar estudantes que questionem a ordem em que vivem, com o propósito de transformar a sociedade.

Assim, a educação musical e a arte-educação devem resistir aos ataques e continuar propondo reflexões e o contato com uma multiplicidade de vivências artísticas, sem questionar a legitimidade das mesmas com base no senso comum e nos discursos midiáticos.

Pode parecer cada vez mais difícil em tempos de crise, é comum e frequente a sensação de que não conseguimos fazer muito, mas nas palavras de Paulo Freire: “O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isso reforça (...) a importância de sua tarefa político-pedagógica” (FREIRE, 2015, p. 110, grifo meu). As sementes que semeamos hoje certamente darão frutos no futuro – e que seja um futuro melhor para as pessoas oprimidas.

**Referências**

BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2019.

CAMARGOS, Roberto. **Rap e política**: percepções da vida social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2015.

CARON, Leonardo Cecílio; KAWAGUCHI CESAR, Patricia. A arte-educação resiste: como construir uma educação libertadora diante das perseguições da onda conservadora. In: IX FALA Outra ESCOLA, 2019, Campinas. **Anais…** Campinas: Unicamp, 2019.

COSTA, Iná Camargo. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HADDAD, Sérgio. Paulo Freire, o educador proibido de educar. In: CÁSSIO, Fernando. (Org.) **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

KAWAGUCHI, Patricia. **Dominação cultural, herança e desigualdades no ensino da Música**. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2020.

LINARES, Alexandre; BEZERRA, José Eudes Baima. Obscurantismo contra a liberdade de ensinar. In: CÁSSIO, Fernando. (Org.) **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 127-133.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Micael Carvalho dos. A educação musical na Base Nacional Comum Currricular (BNCC) – Ensino Médio: Teias da política educacional pós-golpe 2016 no Brasil. **Revista da Abem**, v. 27, n. 42, p. 52-70, jan./jun. 2019.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Tradução de Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música**? 5 ed. Tradução de Maria Felisminda de Rezende e Fuzari. São Paulo: Cortez, 2008.

SUBTIL, Maria José Dozza. Marxismo, arte e educação: as potencialidades de humanização pela educação artística. In: SCHLESENER, Anita Helena; MASSON, Gisele; SUBTIL, Maria José Dozza. **Marxismo(s) e educação**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016. p. 227-244.

1. Universidade Estadual de Campinas, Mestra em Música. [↑](#footnote-ref-2)
2. Notícia disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>. Acesso em 25 ago. 2021. [↑](#footnote-ref-3)
3. Reportagem disponível em: <http://cabinecultural.com/2018/02/26/la-bete-da-nao-compreensao-da-arte-e-da-liberdade/>. Acesso em: 25 ago. 2021. [↑](#footnote-ref-4)
4. Reportagem disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/07/fig-2018-peca-o-evangelho-segundo-jesus-rainha-do-ceu-e-novamente-im.html>. Acesso em: 25 ago. 2021. [↑](#footnote-ref-5)
5. Reportagem disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/netflix-move-acao-no-stf-contra-censura-a-filme-de-porta-dos-fundos/>. Acesso em: 25 ago. 2021. [↑](#footnote-ref-6)
6. Reportagem disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/exposicao-arte-indigena-vandalizada-embu/>. Acesso em: 25 ago. 2021. [↑](#footnote-ref-7)
7. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1603200703.htm>. Acesso em: 26 ago. 2021. [↑](#footnote-ref-8)
8. Reportagem disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2020/10/02/atacado-por-candidato-break-dance-vai-ser-esporte-olimpico.htm>. Acesso em: 26 ago. 2021. [↑](#footnote-ref-9)
9. Reportagem disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/roberto-alvim-copia-discurso-do-nazista-joseph-goebbels-causa-onda-de-indignacao-24195523>. Acesso em: 30 ago. 2021. [↑](#footnote-ref-10)
10. Reportagem disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2020/05/credibilidade-de-regina-duarte-se-esvai-feito-um-pum-de-palhaco.shtml>. Acesso em: 30 ago. 2021. [↑](#footnote-ref-11)
11. Reportagem disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/08/mario-frias-anuncia-edital-de-r-30-milhoes-para-celebrar-200-anos-da-independencia.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2021. [↑](#footnote-ref-12)